

Gênero e Conhecimento: Saberes localizados e poder

Org. Dra. **Rebeca Furtado de Melo** (Departamento de Filosofia - Colégio Pedro II) e
Dnda. **Maria Helena Soares** (PPGFIL-UERJ)

Em um momento em que vivenciamos diariamente a expansão literal e figurada de desertos, nos enche de esperança ver florescer o trabalho de editoração deste dossiê. A publicação desse número foi, sem dúvida, uma grande alegria e satisfação pessoal e profissional, não apenas pela oportunidade de publicar textos de e sobre mulheres que admiramos, estudamos e que nos inspiram filosófica e politicamente, mas igualmente por materializar a realização do desejo compartilhado de unir preocupações e compromissos políticos, existenciais e acadêmicos.

Há muito o que agradecer neste caminho: às pesquisadoras que gentil e generosamente responderam nossos convites e enviaram textos para o dossiê; àquelas/es que submeteram trabalhos, emitiram pareceres, traduziram textos, revisaram manuscritos, mas, sobretudo, à amizade, paciência e dedicação da editora Maria Helena Soares. Desde seu convite e nossa primeira conversa sobre essa ideia, nosso trabalho foi orientado não pela produtividade e competição característicos do patriarcado capitalista ocidental que tantas vezes invadem nossas academias, mas por uma dinâmica feminista de criação: pela sororidade, generosidade e trabalho coletivo e cooperativo. Essa forma de trabalho foi fundamental para que esse dossiê se concretizasse, especialmente neste momento em que uma de nós, a editora convidada Rebeca Furtado de Melo, além deste dossiê também esteve dedicada a geração e cuidado do pequeno Camilo. Mais um desafio feminista que a academia precisa assumir: não invisibilizar ou menosprezar o cuidado, geralmente da família, que as mulheres historicamente têm assumido e seu impacto na produção científica

Reconhecemos e lamentamos os limites e limitações deste dossiê. Sabemos que faltam muitas vozes aqui: mulheres indígenas, negras, lgbti+, camponesas, portadoras de deficiências entre tantos outros “marcadores” que transformam e caracterizam as opressões de gênero, certamente, enriqueceriam e complexificariam as críticas e análises sobre as relações entre conhecimento e gênero. Ainda que diversos trabalhos defendam abordagens feministas descolonial e interseccional, infelizmente, nosso dossiê ainda é demasiado acadêmico e branco. Esperamos, contudo, que ainda assim ele possa colaborar com a tarefa de abrir essas discussões, mesmo quando expõe tal problema por sua própria fragilidade e deficiência. Por outro lado, estamos felizes por apresentar ao público brasileiro textos de excelentes pesquisadoras e traduções de artigos fundamentais para as epistemologias feministas e críticas contundentes ao modelo de ciência pretensamente neutro e universal. Considerar a ciência como um saber localizado e parcial representa não apenas abrir mão do sonho da neutralidade da razão, mas também assumir uma postura responsável sobre a interface entre saber científico e sociedade. Afinal, se “a questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada” (HARAWAY, D., 1995, p.33), trata-se, então, de uma posição que se assume responsabilmente

tanto em termos epistemológicos quanto ético-políticos. O que está em jogo aqui, portanto, é “um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (HARAWAY, D., 1995, p.22).

Aqui nos afastamos do ideal de neutralidade que, ao visar a uma imagem *descorporificada* de ciência, termina por produzir uma análise reducionista da atividade científica, que historicamente serviu para legitimar discursos de poder patriarcais, colonialistas e racistas, que negam, invisibilizam e exterminam determinadas produções de conhecimento e a diversidade de saberes humanos, em nome de um modelo pretensamente neutro e universal (SHIVA, Vandana, 2003, p. 21).

Reconhecer e problematizar o gênero como um dos muitos paradigmas – tais como raça, classe social e territorialidade –, que se encontram aparentemente sedimentados no discurso científico, é o primeiro passo para a construção de uma ciência responsável. Uma comunidade científica que é consciente e problematiza as implicações e consequências de suas ações e decisões ontológicas e epistemológicas. Destarte, o dossiê temático “Gênero e Conhecimento: Saberes localizados e poder” da Revista *Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência* se apresenta como uma tentativa de trazer à tona a relação entre feminismo, questões de gênero, epistemologia e poder a fim de promover uma profícua avaliação e questionamento sobre valores nas práticas e discursos científicos.

O texto “Corpos e territórios: refletindo sobre biotecnologias, gênero, ambiente e saúde a partir de ações de mulheres do Sul” de Márcia Maria Tait Lima (UNICAMP), Rebeca Buzzo Feltrin (UNICAMP) e Maria Conceição da Costa (UNICAMP) abre o dossiê e apresenta uma análise das categorias território e corpo numa perspectiva de gênero. O artigo reflete sobre a difusão de algumas biotecnologias vermelhas e verdes e sobre as suas consequências particulares para as mulheres do Sul. Ele analisa os casos da medicalização do parto e a resistência de mulheres na promoção do parto humanizado, com a emancipação da mulher em todo o ciclo gravídico-puerperal; e ações de resistências de camponesas ao modelo agroindustrial à luz das teorias feministas do conhecimento situado. Esse diálogo entre as práticas de resistência das mulheres baseadas no “corpo-território” do Sul com a produção de corpo-conhecimento, na abordagem descolonial latino-americana, nos permite vislumbrar outras racionalidades e práticas políticas e cotidianas, que põem em xeque a lógica do conhecimento sexista, classista, racista, antropocentrista e especista.

Em seguida, o texto “As histórias que podem ser contadas: a feminização da epidemia HIV/AIDS e a produção de narrativas científicas” de Larissa Costa Duarte (UFRGS) e Fabíola Rohden (UFRGS) questiona a produção do discurso, das narrativas consolidadas entre pares da comunidade médica. A história da epidemia HIV/AIDS, como apontam as autoras, foi marcada por uma narrativa amplamente aceita e divulgada tanto por seus pares quanto pelo senso comum: a construção de um discurso médico pretensamente verdadeiro que limitava a vitimização da doença à corpos de homens homossexuais e, posteriormente, aos corpos negros, imigrantes e de profissionais do sexo. A ideia de uma feminização do HIV/AIDS, como argumentam as autoras, permite uma retórica e uma ficção capaz de promover uma inverdade sobre a doença: a de que corpos femininos passaram a surgir onde não estavam.

O terceiro texto “Neurocientistas feministas e o debate sobre o “sexo cerebral”: um estudo sobre ciência e sexo/gênero” de Marina Nucci (IMS/UERJ), também abre uma discussão sobre a pretensa autoridade da ciência na produção de verdades sobre corpos, mas a partir da análise da rede *NeuroGenderings*, grupo internacional interdisciplinar que reúne pesquisadoras que se descrevem como “neurofeministas”. Contra o discurso hegemônico que propõe o determinismo biológico, elas defendem uma neurociência situada, assumidamente feminista, que não ignora a materialidade dos corpos. Em oposição ao discurso homogêneo e normalizador da saúde, do direito, da educação e do conhecimento científico, o texto “Ontologia y Feminismo” de Leticia Minhot (Universidad Nacional de Córdoba) propõe uma ontologia que nos permita refletir a partir dos desafios que o feminismo coloca. Essa ontologia constitui, para Minhot, um projeto político que possibilita uma política emancipatória e uma sororidade politizada ao alcançar, o que a autora chama, uma justiça cognitiva.

O quinto artigo do presente dossiê trata da recepção da obra de Judith Butler no Brasil. Carla Rodrigues (UFRJ) discute a noção de performatividade nas obras de Butler, analisa as dificuldades relativas à defasagem

temporal das traduções e argumenta sobre a impossibilidade de a obra da autora ser dividida tematicamente entre gênero e política, tendo em vista que toda questão de gênero é, desde sempre, uma questão política.

O artigo de Joana Tolentino (CPII), “Lélia Gonzalez: uma filósofa brasileira abalando as estruturas” já seria um trabalho de grande importância se apenas apresentasse a vida e a obra de Lélia Gonzalez para os leitores desta revista, a fim de ampliar o alcance dos escritos de tal filósofa. Contudo, o texto ultrapassa em muito este objetivo quando evidencia em que medida o debate sobre gênero transborda para outras questões. Desta forma, a autora, além de discutir os principais conceitos da obra de Lélia Gonzalez, também tematiza outros conceitos fundamentais para as epistemologias e críticas feministas, tais como: interseccionalidade, branquitude, ensino e decolonialidade.

Ainda neste dossiê, temos o trabalho “Feminina ou feminista? A mulher representada na revista *O Cruzeiro* (195-1970)” de Bruna Batista Ferreira (UFV). Nele, a autora argumenta a partir de análises dos periódicos compreendidos nesse período mostrando-nos como a identidade da mulher foi construída a partir o antagonismo entre os termos feminina e feminista. Em seguida, o texto “Epistemologia do nudes: pornô-grafias, criação e ficção de si” de Peter Franco Souza (PPGFIL UERJ) discute as noções de educação pornô e pedagogia da educação sexual em sua relação com o cinema, os filmes pornôs, a imprensa e a internet. O autor parte das novas tecnologias cibernéticas; e das novas possibilidades de performance de si por meio da criação e popularização em massa da nudez na internet, o *nudes*, para compreender seus efeitos sociais, estéticos e políticos na criação de si.

A primeira tradução que publicamos aqui é “Diotima de Manteneia”, um artigo de Clara Acker (UnB), traduzido por Ana Amélia Costa (UFRJ). Esse trabalho é precedido por uma apresentação da própria tradutora juntamente com Ana Míriam Wuensch (UnB) e Joana Tolentino (CPII), intitulada “Um banquete para Diotima”. Apesar de Clara Acker ser brasileira, tal texto, publicado em um livro da autora em 2013, ainda não havia sido disponibilizado em português. O trabalho reúne resultados de sua pesquisa sobre Diotima: a defesa de sua existência histórica e a relevância e influência de sua *Erosófia* para o pensamento socrático e assim, à tradição filosófica Ocidental. Como as autoras nos exortam na apresentação, todo esse trabalho é fruto de de “filósofas em ação”¹: do resgate de filósofas apagadas pela história, de pesquisa de mulheres sobre mulheres, de tradução de nós mesmas, em um movimento de tornar visível e viva a nossa existência: a existência de filósofas ao longo da história, a existência de filósofas produzindo hoje.

A segunda tradução “Intersexo e Transexualidades: As tecnologias da medicina e a separação do sexo biológico do sexo social” trata-se de um texto de Ilana Löwy (CERMES, INSERM/CNRS/EHSS), publicado originalmente em 2003. O artigo apresenta questão sexo/gênero a partir de uma análise histórica do desenvolvimento das tecnologias, teorias e práticas, da medicina acerca da determinação do sexo em sujeitos intersexo e transexuais. O texto, indiretamente, nos coloca diante de uma controvérsia, já anunciada por Foucault, e ainda presente nos estudos sobre gênero, a saber, “precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?” A importância desta tradução se encontra também na possibilidade de lançar luz sobre um tema pouco discutido: as cirurgias em bebês intersexo com genitália ambígua. Apesar de não abordar diretamente o assunto, o texto da Löwy aponta para uma problematização do discurso médico sobre sexo, gênero e corpos.

Por sua vez, o texto “Perspectivas ecofeministas da ciência e do conhecimento: a crítica ao viés andro-antropocêntrico” consiste em uma tradução de um artigo de Alicia Puleo (Universidade de Valladolid), publicado originalmente na revista *Daimon*, em 2017. O artigo apresenta a tese de que o ecofeminismo se mostra como a abordagem mais capaz de exercer a crítica feminista às ciências, na medida em que traz à luz a relação entre o antropocentrismo e o androcentrismo, característica do paradigma tecnocientífico de dominação hegemônico. Para esta defesa, a autora traça um notável panorama histórico do ecofeminismo, assim como se afasta da vertente denominada biocêntrica e do relativismo cultural, a partir da formulação do que ela chama de um ecofeminismo de “raiz ilustrada”.

1 *Filósofas em ação* é uma referência ao título de um curso ministrado por Ana Míriam Wuensch, organizado por Joana Tolentino, em 2018, que tinha como objetivo geral formação continuada a partir da obra de filósofas “apagadas” pela tradição Ocidental. A tradutora Ana Amélia Soares, assim como uma das editoras deste dossiê Rebeca Furtado, participaram do curso.

A tradução intitulada “Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo” apresenta ao público brasileiro a versão em português de um artigo de Sandra Harding (University of California) publicado em 2015 como o segundo capítulo do livro *Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research* [Objetividade e Diversidade: outra lógica para a pesquisa científica]. (University of Chicago Press). A importância desta tradução reside na divulgação de uma das propostas mais importantes das epistemologias feministas, que Harding, entre outras autoras, tem trabalhado desde a década de 1970, a saber: as teorias das perspectivas (*standpoint theories*) e da noção de objetividade forte. Aí a autora remonta à história e ao contexto de surgimento destes conceitos, revisitando suas teses, apresentando objeções que foram feitas ao longo dos anos às mesmas, assim como as respostas a essas críticas. Harding questiona a pretensa neutralidade e universalidade da ciência, mostrando que incluir a diversidade na produção de conhecimento, ao invés de colocar em xeque a busca pela objetividade, na verdade, a possibilita e aprofunda. Temos a alegria de publicar também, na nova seção “Manuscritos”, a versão original em inglês deste texto “Stronger Objectivity for Sciences from Below”. Com isso disponibilizamos de forma completamente gratuita, para um público mais amplo, um texto fundamental para as epistemologias feministas que ainda não estava disponível em uma publicação de acesso online.

Ainda nesta edição, contamos com uma entrevista com Berenice Bento (UnB) que pesquisa na interface de Sociologia e Antropologia, nos temas: decolonialidades, estudos queer, direitos humanos e marcadores sociais da diferença (sexualidade, gênero, raça/etnia). Nesta entrevista, discutimos temas observados em suas obras “Estrangeira: uma paraíba em Nova Iorque” (Annablume, 2016) e “Transviad@: gênero, sexualidade e direitos humanos” (EDUFBA, 2017); e outros temas que perpassam sua trajetória acadêmica e política. Por fim, apresentamos uma resenha de Erika Takimoto (Cefet-RJ) da obra “De menina e de menino: gênero e infância” de Marília Lamas. Em “De adulta e de adulto: conceitos e preconceitos sob o olhar de Marília Lamas”, Takimoto nos convida à leitura do texto ao apresentar a discussão acerca dos papéis sociais de gênero desde a infância até a fase adulta.

Com esta publicação, a Revista *Em Construção* reitera seu compromisso com a diversidade, característica do seu corpo editorial, e com a defesa dos princípios constitucionais de equidade e liberdade de cátedra. Desejamos que a leitura desse dossiê frutifique o trabalho de todas nós, trazendo reflexões sobre nossa responsabilidade de se posicionar e de exercer um pensamento, uma docência, uma ciência e filosofia que resistam.